SABi
UFRGS 05914971

Biblioteca
FAMED/HCPA

O BISTURI

ANO 43

CENTRO ACADÊMICO SARMENTO LEITE

AGOSTO 1988 Nº 3

REITOR ELEITO

- EM RESPEITO À DECISÃO DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA

PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE

EDITORIAL



Gerhardt: o "Judas"



Manfróí: o "vira-casaca



Cybbis: a situação

Este é um Editorial diferente daquele colocado nos outros "Bisturis". Chamariamos de Editorial-matéria, onde tentaremos abordar dois assuntos importantes: primeiro, a nivel de Movimento Estudantil de Medicina, um tema do ECEM; a segunda parte tratará sobre a indicação do "novo" Reitor da UFRGS, desde seus bastidores até o que ela representa, tanto para a Universidade como para toda Comunidade em geral.

O ECEM — Belo Horizonte deu um importante passo na História do Movimento Estudantil, criando um nivel de discussão maior sobre o tema do encontro: "América Latina — Saúde É Revolução — Vias para a Transformação Radical da Sociedade, por parte de todos os estudantes participantes do Encontro, nas mais variadas formas de linguagens, isto uma inovação. Outro avanço importante deste ECEM refere-se à participação de representantes dos Movimentos populares pela Saúde (Urbanos, rurais e sindicatos), levando suas experiências no trabalho de Organização Comunitária, participação no planejamento de Saúde e suas perspectivas na reivindicação de melhores condições de vida. Da importante contribuição dada ao Encontro pelos Movimentos populares, surgiu um gérmen de um Congresso que reúna Estudantes, profissionais de Saúde e Movimentos Populares para discutir a questão Saúde no Brasil. Além disso, isso vem a demonstrar que algumas idéias que ainda persistem dentro do Movimento Estudantil — como de que é o Movimento Estudantil quem deve receber os movimentos populares (e não ao contrário) e que somos "nós" que devemos "ensinar" (maquiavelicamente" instrumentalizar") a população (na prática vemos que acontece exatamente o oposto: nós aprendemos muito mais com eles) — são completamente equivocadas, devem ser revistas e caminharmos para uma relação com os Movimentos populares (e quando digo isso é com a Comunidade em geral) muito mais construtiva, uma relação de troca de experiências constante feita pelos dois lados. Esta nova relação, ao mesmo tempo que impede os sectarismos aprofunda a discussão do verdadeiro papel social da Universidade, de transformadora, juntamente com a população, da realidade em sua volta. Devemos reavaliar a idéia de que nós somos os "intelectuais" (ou intelectualóides?) que vão "desalienar" a população. Numa relação de constante vivência e reavaliação dos fatos (dialética) podemos chegar à conclusão de que, de repente, não é exatamente a população, o povo, que é o alienado. Temos que ter consciência de que somos apenas coadjuvantes neste processo, e não os artistas principais (ou "estreias", como alguns gostam de definir). Devemos ser coadjuvantes ativos.

Nas conferências, nos Cursos, nas Oficinas e todas as atividades foi aprofundada, em cada uma das ativiades usando sua forma peculiar, a linguagem especifica, a discussão central: a realidade de Saúde na América Latina e sua intima ligação com as condições sociais do povo latino-americano, explorado pelos interesses tanto do capital oligárquico nacional como internacional.

Constamos, também, que deve-se jogar mais peso na proposta de realização de preparação para encontros como o ECEM, em cada Centro Acadêmico, de maneira que combine com sua realidade local. Isto vem a evitar o despreparo e a participação de poucos nas discussões.

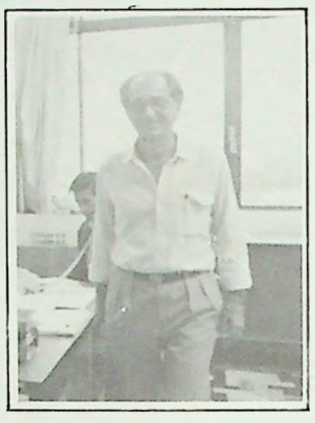
Para um melhor repasse dos resultados obtidos com o XIX ECEM pretendemos realizar, logo, uma exposição de fotos do encontro, além de realizar uma reunião com os interessados para discutir o ECEM e as perspectivas do Movimento Estudantil.

Outro tema importante que temos que discutir é a atual situação do processo de democratização da UFRGS.

No final de abril, a Comunidade Universitária escolheu Alceu Ferrari como futuro Reitor. Dali até o atual momento, final de agosto, fomos isolados do processo de indicação do Novo Reitor, apostando o Governo Federal (com apoio, na UFRGS, do atual Reitor Francisco Ferraz) na desmobilização da Comunidade Universitária, deixando que os atuais partidos do Governo (você nunca sabe quem é quem afinal) lutassem, como dois predadores, pela "posse" e direito de "devorar" (e espalhar cargos) a "presa" — a Universidade. Surgiu a informação que Cybbis (4º da lista) estava acertado com o PFL, e seria o escolhido; já Gerhardt Jacob assumiria até dezembro, para ser nomeado definitivamente, naquela data, pelos "bons serviços prestados" à causa da desmantelação do Ensino público e gratuito no país. Já o Diretor da Faculdade de Medicina (W.C. Manfróí) segundo lugar na votação, declarava que o reitor nomeado deveria ser aquele escolhido pelo Presidente da República. O mesmo afirmou, durante o processo eleitoral, que não aceitaria a sua nomeação caso não fosse o mais votado, mesmo que a diferença fosse de apenas um voto (a diferença, na votação, foi que Manfróí fez a metade dos votos de Ferrari).

No último dia 18/8, numa reunião em que participaram o Presidente da República, o Ministro da Educação (Hugo Napoleão) e o ministro da Justiça (Paulo Brossard) foi indicado, para Reitor, o Sr. Gerhardt Jacob, atual vice do Sr. Ferraz. Logo, Gerhardt deu uma entrevista à Imprensa em que aceitava a indicação, desrespeitando não apenas a decisão da Comunidade Universitária (que havia indicado Alceu Ferrari), mas indo contra sua própria palavra, empenhada durante o processo eleitoral, de que não aceitaria o cargo caso não fosse o 1º da lista ("Vocês não acreditam na palavra de um professor?" dizia ele). Quanto a isto, o que podemos colocar é: quanto vale a palavra de um Homem? O que vale a palavra do Sr. Gerhardt Jacob? Quanto vale a palavra de um professor? Qual é a sua ética?

A posição do Palácio do Planalto já era esperada, pois o Governo tem a necessidade de contar com um Reitor tecno-burocrata e "mão-de-ferro", que dificulte a nossa luta por uma Universidade autônoma (e não ligada a interesses partidários), crítica (e não apenas reprodutora de conhecimentos), popular (e não elitizada), e que assuma a sua verdadeira função social: a de inovar e de transformar, junto com a população, a realidade na qual se insere. Um Reitor que partilhe dos interesses das oligarquias dominantes e que dê apoio à política de privatização da Educação, do sucateamento da Universidade pública e gratuita, política esta que vem recrudescendo nos últimos 20 anos, a partir da Reforma Universitária de 1968.



Ferrari: Compromisso com a Democracia

Devemos ter claro que a indicação do Reitor Eleito — Alceu Ferrari, é um meio — e não um fim — para alcançarmos a verdadeira democratização da Universidade, que passa pela Estatuinte da UFRGS, e pelo processo de democratização que começa em cada departamento de cada Faculdade (para começar, questionando a existência de Departamentos isolados, que compartimentalizam o Ensino e nos faz perder a noção do todo do nosso curso, em nosso processo Ensino-Aprendizado), até a própria Reitoria e seu funcionamento.

É hora de um engajamento real da Comunidade Universitária como um todo — Estudantes, Professores e Funcionários, na luta pela indicação do Reitor eleito, pelo Ensino público e gratuito em todos os niveis, pela Democratização da Universidade. Não é uma luta sectária, ela é de todos aqueles que tenham no seu intimo a mínima noção do que é DEMOCRACIA e acreditam na construção dela em cada pequena vitória como deve ser esta.

Pelo respeito à decisão da Comunidade Universitária
Pela Democratização da Universidade
Comissão Editorial
CASL

Índios: Genocídio e Etnocídio de uma Raça

Biblioteca
FAMED/HCPA

"Com que Direito e com que Justiça mantêns estes Índios em tão cruel e horrível servidão? Com que autoridade fizestes tão detestáveis Guerras a esta gente que estava mansa e pacífica em suas Terras, onde exterminastes uma infinidade deles com Mortes e estragos nunca ouvidos? Estes não são Homens? Não têm Almas racionais? Não sois obrigados a amá-los como a Vós mesmos?
(Frei Dominicano Antônio Montesinos — República Dominicana — 1511)

Podemos dividir aqui, para fins de abordagem, a História indígena em duas partes: antes e depois da chegada do homem branco. Esta segunda parte é a da resistência de uma raça contra a escravidão e o extermínio; da luta pela posse de um pedaço de terra que um dia foi seu; a luta pelo direito de afirmar suas raízes e o seu caráter indígena. Cabe a cada um de nós fazer a reavalição dos fatos que a historiografia oficial nos apresenta e resgatar, reformular, reescrever o que chamamos de História. Para os povos indígenas, isto é o mínimo a fazer.

A notícia da existência de ouro e prata na América não era novidade na Europa de 1500. Aqui, os portugueses tiveram sua cobiça despertada pelas histórias indígenas que falavam de fabulosos tesouros e riquezas que haviam no interior. A partir de 1553, muitas expedições são enviadas em busca de ouro, pedras preciosas, índios para escravizar e em vista de conquista de territórios em mãos espanholas: são as Bandeiras. A partir daí a invasão dos territórios indígenas não mais cessou. Em 1601-1602 o caminho definitivo é aberto e trilhado pelos caçadores de índios. Caçar índios para vendê-los no litoral como escravos era um negócio rendoso. Entre as mais famosas personagens estava Fernão Dias Paes Leme, acompanhado por Borba Gato e Matias Cardoso. A eles atribui-se o descobrimento de Minas Gerais e o assassinato e captura de milhares de índios.

Em 1808, chega ao Brasil D. João VI e sua Corte, fugindo de Napoleão Bonaparte. Ele necessita de terras para sua gente. As áreas mais visadas são as dos Vales do Rio Doce, Mucuri, São Mateus e Jequitinhonha. Aí resistiam grupos de índios Botocudos contra a ameaça de invasão e "civilização". D. João VI assina uma Carta Régia (decreto) de 13 de Maio de 1808 onde os povos indígenas são declarados inimigos, devem ser mortos ou ficar no cativeiro por, no mínimo, dez anos. A Guerra tornara-se oficial. A situação é contornada pela atuação do francês Guido Marlière que pacifica os Botocudos, mas não consegue evitar as invasões, massacres e doenças após sua saída. Após 1840, as atitudes são mais amenas. Há a influência dos ideais humanistas das revoluções francesa e americana. O extermínio dos índios agora é sob outra forma. Ele deixa de ser um inimigo para ser um problema a ser resolvido. Em 1873 os capuchinhos são contratados pelo Governo para catequizar os índios e civilizá-los. Posteriormente, juntam-se ao trabalho as Irmãs italianas Clarissas Franciscanas. Mesmo com boas intenções, padres e freiras, em nome de sua crença, de uma maneira diferente colaboraram para o pior tipo de extermínio de um povo: o de sua cultura. Em 1910, é criado o Serviço de Proteção ao Índio (futura FUNAI), que mostra-se incompetente para, primeiro, resolver seus problemas de organização, quanto mais os dos índios, o qual lhe parece um problema secundário frente a distribuição de cargos.

Assim, os povos indígenas são vítimas de duas formas de extermínio: o genocídio, através da guerra, morte física com armas ou doenças como a varíola e o sarampo; e o etnocídio, através da destruição de seus costumes, tradições, de sua religião.

Hoje, a situação dos povos indígenas é ainda mais dramática que nos tempos da conquista. O conquistador do século XVI precisava da mão-de-obra indígena para o trabalho nas minas, lavouras e engenhos de açúcar. O conquistador do séc. XX só quer as terras dos índios. O projeto militar do Governo intitulado "Calha Norte" prevê a instalação de 15 a 20 bases da Aeronáutica e Exército, na Região Norte, em terras hoje ocupadas pelos índios. Frente à estrutura neo-colonial da sociedade dominante, o índio tornou-se um desnecessário. Mas não é só o índio. Também os lavradores, os sem-terra, os operários, o "cidadão comum" tornam-se prescindíveis e facilmente substituíveis como se fossem parafusos numa grande máquina.

Mas a alma de um povo não se rende facilmente. Poucos, alguns ainda se fazem presentes entre nós neste fim e começo de século. A sua presença deve-se, mais do que nunca, a sua resistência e luta e a de seus antepassados: eles venceram as batalhas, mas nem por isso foram condecorados como heróis nesta guerra particular pelo direito de simplesmente SER ÍNDIO.



Homem Branco

Eu sou um Homem Simples
Com um Nome Simples
Desta Terra veio meu Povo
Nela resiste

E nós fizemos nossos caminhos
E nós os trilhamos sem problemas sobre a Terra
Mas o imigrante construiu estradas
Sobre nosso Sangue e Coragem

Homem Branco, Homem Branco
Você não vê a Luz atrás de seus cinzentos Céus
Homem Branco, Homem Branco
Você arrebatou a visão para cegar meus Olhos Simples
Homem Branco, Homem Branco
Onde Você se esconde
Do Inferno que Você criou?

Oh o Homem Vermelho conhece a Guerra
Com suas Mãos e suas facas
Sobre a Bíblia Você jura
Luta suas batalhas com mentiras

Deixe meu corpo em desonra
Deixe minha alma em desgraça
Mas, em nome de todos os Deuses
Diga suas preces para sua Raça

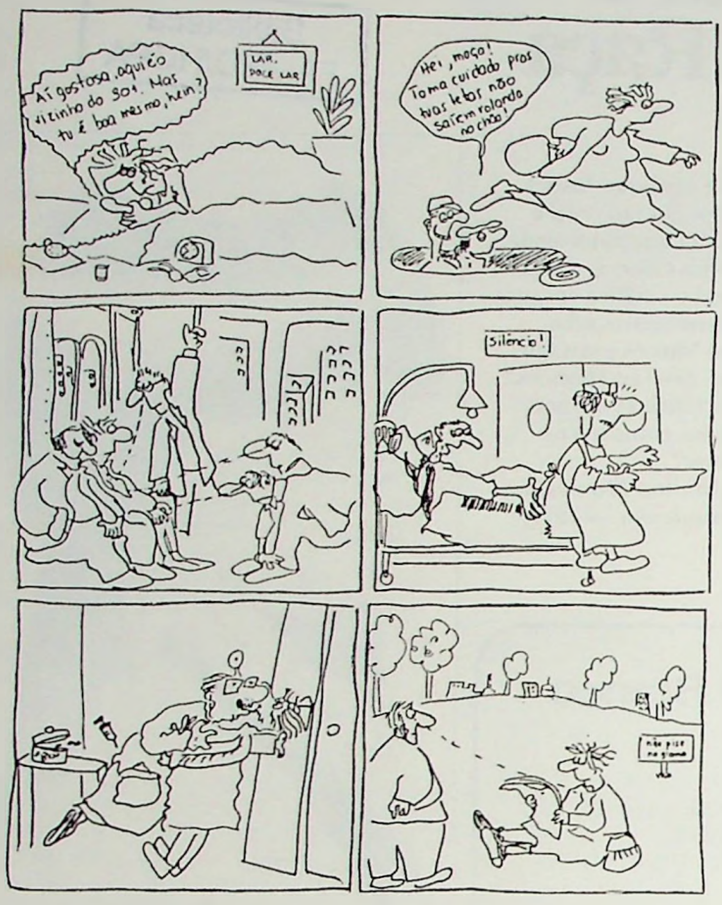
Homem Branco, Homem Branco
Nosso país era Verde e todos nossos Rios largos
Homem Branco, Homem Branco
Você não dá uma Luz para o Sangue que Você derramou?

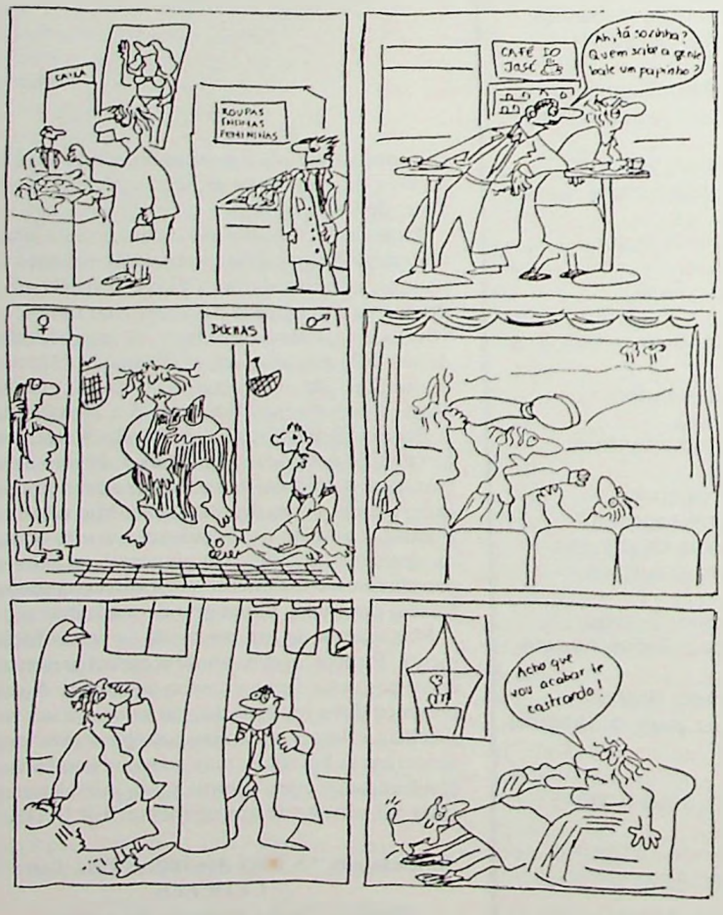
O que está errado nos seus Sonhos?
Apenas as Suas Leis
Um Homem que aprendeu a ensinar
Então esqueceu como Aprender

BRIAN MAY

Baseado em "A Luta dos Índios Pela Terra" — CEDEFES
Redação final e tradução do poema: Marsal Lerner — ATM 92/2

Violência nossa de cada dia...





A história da condição da mulher, segundo Andrée Michel, é principalmente "uma história de resistência e revolta contra uma forma de poder que oprime e aprisiona este setor da sociedade.

A constação dessa repressão vem sendo realizada pelos movimentos de libertação da mulher e pelos movimentos da juventude e giram em torno de um questionamento elaborado pelo movimento feminista que não passa apenas pela dominação, mas por um "sistema que utiliza, de forma clara ou sutil, todos os mecanismos institucionais e ideológicos ao seu alcance" (econômico, cultural, político, social) e no qual o detentor do poder é o homem.

A análise do poder proveniente do sistema patriarcal não deve se restringir à macrofísica do poder (instituições, Estado...), porém atingir as mais finas ramificações que passam pela repressão do corpo, dos gestos e pela forma como se dão as relações afetivas.

E por que todo esse "blá, blá, blá?"

Por que, nós, do Grupo Feminista Universitário, temos evidenciado, nos Encontros Estudantis, algumas formas de violêncio que vão desde a depredação de prédios, bombardeios no R.U., até aquelas um pouco mais sutis como buraquinhos no banheiro, passeata com bumbos e correlatos durante a madrugada.

O que vem nos preocupando é que estas formas de violência (que para nós são produto de um sistema patriarcal) já são tomadas como "históricas", e de forma determinista e acomodada, nos conformamos com essas formas de relação.

A repressão a que todos nós estamos submetidos nos faz procurar saídas. pensamos que algumas delas, já citadas, são como tapar o sol com a peneira. Na ilusão de estar "extravazando energias", se "desreprimindo", as pessoas acabam reproduzindo a opressão. A saída só pode vir com a construção **ativa** de uma consciência, **juntos.**

Acreditamos que para que haja Saúde como Revolução é necessário que sejam modificadas as relações de poder no interior das instituições (família, escola, igreja, Estado e outras) bem como nossas relações afetivas, nas quais também encontramos a dualidade opressor-oprimido.

Nós feministas, homens e mulheres, tentamos escapar ao massacre, e inseguras(os) e vacilantes, começamos a descobrir umas(uns) às(aos) outras(os). Nosso primeiro passo tem sido uma observação cuidadosa, em conjunto, para responsabilizar uma consciência perdida. Estamos fortalecendo e expandindo o movimento que tem como objetivo, entre outros, de tentar construir nos encontros estudantis um ambiente em que possamos ter laços afetivos de camaradagem, onde possamos pensar juntos novos rumos de ação, novas formas de viver.

Grupo Feminista Universitário
local: João Pessoa, 41 (DCE)
contatos:
Rosaura (6º sem.) — 349653
Pacy (6º sem.) — 215053

HIPOCRISIA

O personalidade humana: como pode ter sido possivel que durante 60 séculos tu tenhas estagnado neste servilismo? Tu te dizes santa e sagrada, e não és nada mais do que a prostituta, infatigável, gratuita, de teus lacaios, de teus monges e de teus mercenários. Tu o sabes e sofres por isso! Ser GOVERNADO é ser vigiado, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, encarcerado, doutrinado, aconselhado, controlado, estimado, apreciado, censurado, comandado por seres que não têm nem o título, nem a virtude... Ser GOVERNADO é ser, a cada operação, a cada movimento, anotado, registrado, recenseado, tarifado, selado, medido, cotado, cotizado, patenteado, licenciado, autorizado, inscrito, repreendido, impedido, reformado, condicionado, corrigido. E, sob pretexto de utilidade pública, e em nome do interessado, explorado, monopolizado, roubado pelos representantes da lei, esmagado, mistificado, assalhado, e, à mínima resistência, à primeira palavra de censura, reprimido, multado, caluniado, atormentado, perseguido, maltratado, espancado, desarmado, garroteado, aprisionado, fuzilado, metralhado, julgado, condenado, deportado, sacrificado, vendido, traído, e, por cúmulo, jogado, ridicularizado, ultrajado, desonrado. Eis o Governo, eis sua justiça, eis sua Moral! E dizer que há, entre nós, democratas que sustentam que o governo tem um lado bom, socialistas que defendem em nome da Liberdade, da Igualidade e da Fraternidade, esta infâmia, proletários que se candidatam à Presidência da República:

Hipocrisia

PIERRE JOSEPH PROUDHON
(1809-1865)
Sociólogo francês indicado, em parte, como precursor do movimento anarquista.

Biblioteca
FAMED/HCPA

CARTAS

Pela absurda falta de condições das aulas práticas de Anatomia II, a grande maioria da ATM 93/1 decidiu não realizar a segunda prova prática desta cadeira. São humanamente impossíveis as condições que nos foram dadas para o aprendizado de Anatomia: falta de cadáveres, ausência frequente de monitores ativos e outras que não fazem jus mencionar.

Não estávamos querendo apenas livrar-nos de mais uma prova naquele semestre estressante; queremos requerer das autoridades "competentes" o mínimo e imprescindível necessário para a formação de bons médicos. Temos uma responsabilidade social e queremos ter meios de cumpri-la futuramente!

O problema existe e para que deixe de fazer parte de nosso dia-a-dia, faz-se necessário uma atitude. Por entendermos que a indignação e consequente reivindicação é o primeiro passo para uma mudança, nossa turma resolveu não ser mais uma vez submissa a estas barbaridades. Queremos fazer um apelo a todos os nossos colegas para que não deixem nunca de pressionar oportunamente os órgãos "competentes", exigindo o que nos é reservado por direito. Não podemos deixar que a permissividade torne-se regra do nosso jogo, colocando de escanteio o poder da indignação.

Clarice Fernandes Diehl
ATM 93/1

Colonialismo Invisível é o pior

"... Outra grande tarefa é a multiplicação de nossas energias de criação. Acredito profundamente que o subdesenvolvimento não é uma questão de estatística, mas sim de uma estrutura de impotência, um sistema de poder universal que nos treina a não ser capazes de pensar com nossas próprias cabeças, de sentir com nossos corações e de caminhar com nossas próprias pernas. Essa estrutura de impotência funciona dentro do que eu chamaria colonialismo invisível, que é um colonialismo real, muito mais perigoso do que o colonialismo visível, que trabalha utilizando o crescimento vertiginoso dos meios de comunicação que nos incomunicam, usando um sistema de educação que nos deseduca. O colonialismo invisível é mais hábil e astuto que o visível. Este é um sistema que visivelmente proíbe fazer, proíbe dizer e proíbe ser, enquanto que o visível te convence que você não pode dizer, fazer ou ser. E por isso que eu acho tão heróica a luta do povo nicaraguense, que enfrenta um inimigo visível (os contras), funcionários de Reagan, mas tb. enfrenta uma luta mais profunda e difícil que é a luta contra a estrutura de impotência e contra o colonialismo invisível. A Nicarágua é culpada de querer ser Nicarágua e para ser-la tem de começar a se descobrir.

Nosso inimigo principal não está fora de nós. Nosso inimigo mais forte é o medo que habita dentro de nós. Para que nossos países consigam atingir a libertação real é preciso brigar contra a ideia da fatalidade do destino. É preciso agir com urgência."

Eduardo Galeano.

Grupo de Ecologia

Cada vez mais, vemos as pessoas adoecerem pelo ambiente, poluído em que vivem, seja poluição do ar da água ou da terra. Nós como médicos devemos estar atentos para isto, vamos prevenir mais para curar mais. Se você se interessa por ecologia, venha fazer parte junto conosco do Grupo de Ecologia. Vamos entender melhor o que acontece ao nosso redor e com isso não tentar-mos mudar o mundo, mas mudar a nós mesmos.

Grupo de Ecologia
Informações: Fernando (Anjinho) 92 2
ou no CASL.

"Pra Não Dizer Que Não Falei de Flores..."

Esta Carta/Nota tem a finalidade de esclarecer aos estudantes de medicina da UFRGS a respeito de "O Bisturi", algumas atividades da Secretaria de Imprensa, e dar uma pincelada sobre Ensino e Educação.

O jornal "O Bisturi" parou de circular em julho de 86 devido a dificuldades financeiras enfrentadas por aquela gestão. Um ano e meio depois, março de 88, o jornal voltou com uma proposta inovadora e a Sec. Imprensa apostava (e ainda o faz) na participação do estudante de Medicina em sua produção cultural-política-científica no Bisturi. Isto foi colocado naquele número e nos posteriores, tendo o primeiro a diagramação e composição feitas pela SI, sendo os custos pagos pelo CASL (Cz$ 13.000,00 por 500 exemplares de oito páginas cada).

Com os preços de custo do jornal elevando-se cada vez mais, optamos pela entrada de patrocinador (es) no mesmo, com a idéia de apenas pagar os preços de custo, não lucrando com as propagandas. Assim foram firmados "contratos verbais" com um Curso Pré-Vestibular e um Laboratório de Análises Clínicas (este sócio optado pelo primeiro), com estes pagando diretamente à Gráfica Proletra os custos de um jornal de 12 págs, 1000 exemplares por mês, em torno, hoje, de Cz$ 40.000,00 por mês, não recebendo o CASL nenhuma importância em dinheiro. O CASL comprometeu-se a aplicar uma pesquisa (que eu classificaria de "pseudo-pesquisa") junto aos alunos do 1º semestre (com duas perguntas: se cursou algum tipo de curso Pré-Vestibular — Sim ou Não, e se positivo, qual o nome do curso — questão aberta). Os patrocinadores têm a liberdade de divulgar a mesma.

Estas informações, em minha opinião, fazem-se necessárias devido à atitude tomada por alguns colegas da FAMED dos dois últimos semestres do curso, na matrícula. Os referidos nos qualificaram de "hipócritas" com frases do tipo "aderiram ao consumismo". Quanto à questão do que é hipocrisia, prefiro que estas pessoas venham discuti-la pessoalmente, não com ataques vazios feitos no anonimato por aqueles.

Como jornal de Entidade Estudantil, "O Bisturi" deve refletir e expor os pontos de vista da primeira, e é para isto que utiliza-se o Editorial e as matérias assinadas pelas Secretarias. Mas, antes de tudo, "O Bisturi" existe (e esta é a proposta que levamos) para ser o veículo de manifestação de todos os estudantes de medicina da UFRGS. Este espaço é seu, e você deve ocupá-lo.

O caso dos "Cursos Pré-Vestibulares" fazerem tanto sucesso e aprovarem tantos alunos no (s) Vestibular (es) é muito sério, e, no mínimo, objeto de reflexão. Isto é apenas a ponta do Iceberg, pois mostra-nos claramente em quão deficiente estado encontra-se o Ensino de 1º e 2º graus e Universidade no país (e disso os "Cursos Pré-Vestibulares" se aproveitam, como pode ser visto hoje). A Educação/Ensino (que deveria ser obrigação do Estado) sofre hoje um processo de sucateamento e privatização, que vem se agravando nos últimos 20 anos, principalmente a partir da Reforma de criação do 1º e 2º Graus de 1971 — com profissionalização depois extinta em 82, e a Reforma Universitária de 68. Assim, vemos hoje, nas Escolas de 1º, 2º graus e na Universidade (hoje nossa realidade), uma luta pela sobrevivência em instalações deficientes, com equipamentos inadequados e Professores mal-remunerados. Uma luta que é SUA também. Esta luta é contra a "racionalidade" capitalista-selvagem da empresa privada às soluções dos problemas sócio-econômicos-educacionais nacionais. Esta "racionalidade" tecno-burocrata (importada há quase meio século e utilizada pelos economistas discípulos de Eugênio Gudin, de gerenciamento científico, administração pública normativa e formalização e rotinização de tarefas) que já mostrou (e mostra) ser incompetente, persiste. Não vou me alongar aqui, pois penso que nossa luta deve ser feita na prática, e passa, no momento, no engajamento pela indicação do Reitor Eleito pela Comunidade Universitária — Alceu Ferrari, o que constitui um meio (e não um fim) para alcançarmos um objetivo específico: a democratização da Universidade.

Desde já, convido aos colegas a colocarem suas críticas e sugestões nas reuniões semanais da Sec. Imprensa, e a exporem suas opiniões no BISTURI, para que possamos manter a atual qualidade do Jornal e sempre melhorá-lo

Pelo respeito à decisão da Comunidade Universitária

Pela democratização da Universidade

Marsal Lerner
Secretaria de Imprensa
CASL

Pela Nomeação do Reitor Eleito

O Governo Federal continua desrespeitando a Democracia: foi nomeado Reitor da UFRGS o prof. Gerhardt Jacob, 3º colocado na eleição da lista sêxtupla, vice de Francisco Ferraz.

A não-nomeação de Ferrari, o mais votado na eleição, significa uma agressão à Democracia (não foi respeitada a vontade da maioria) e à Autonomia da Universidade (se não temos como Reitor o escolhido pela comunidade universitária continuamos submissos aos desmandos de Brasília).

Outra questão importante é a do compromisso assumido por Gerhardt de só assumir a Reitoria se fosse o 1º colocado da eleição para a lista Sêxtupla. Não podemos aceitar um Reitor que não cumpre com a sua palavra.

Há, ainda, um motivo muito importante para lutar pela nomeação de Ferrari. O governo Federal tem revelado uma tendência a privatizar as Universidades Federais. Isto se mostra através do aumento de taxas (matrícula, RU), maior incentivo às universidades privadas, proibição da contratação de novos professores, etc. E nada melhor do que um reitor de confiança do Governo para promover estas medidas contra a Universidade Pública e Gratuita.

Chega a hora então de tomarmos posição em relação a este processo. A indiferença e a ilusão de impotência só favorecem os interesses da situação. Participemos todos das atividades pela nomeação de Alceu Ferrari para Reitor da UFRGS!

Jones — ATM 91/2

Biblioteca
FAMED/HCPA

XIX ECEM

Saúde é Revolução

O ECEM — Belo Horizonte, realizado de 15 a 24 de Julho de 1988, deu um grande salto de qualidade em comparação aos ECEMs passados e ao padrão de encontros nacionais do Movimento Estudantil Brasileiro. O XIX ECEM inovou ao buscar um aprofundamento de seu tema central — "América Latina — Saúde É Revolução: vias para a Transformação Radical da Sociedade", fazendo com que as demais atividades desenvolvidas buscassem um melhor esclarecimento de afirmação de que Saúde na América Latina só será alcançada através de um verdadeiro processo revolucionário, um processo de transformação radical (na raiz) da estrutura político-econômica-ideológica que rege a nossa sociedade capitalista dependente.

Tal tema gerou, desde o momento que foi inicialmente discutido, posições as mais diversas, inclusive sendo levantada a possibilidade deste tema afastar o grande número de estudantes que comparecem ao ECEM (dois a três mil), sendo então realizado um ECEM "vazio", apenas com o "vanguarda" do Movimento Estudantil de Medicina.

A proposta inovadora de estruturação do ECEM surge de uma avaliação crítica o que vinha sendo atingido pelos ECEMs anteriores. O ECEM vinha se caracterizando pela desvinculação das atividades realizadas, entre si e com o tema proposto pelo encontro. Assim sendo, o ECEM constituia-se de um grande panorama de atividades, no qual as atividades não estavam centradas em nenhum eixo, impedindo que houvesse real avanço individual e a nível de Movimento Estudantil. O ECEM era desmembrado em vários encontros: o Científico, o político, o social, o cultural e o turístico, vulgo ETEM. Dentro desta estrutura, tais sub-encontros também alcançavam públicos distintos. O tema central era apenas discutido na programação política, a qual contava com a participação de uma minoria interessada em aprofundar o tema proposto pelo ECEM. Constata-se que as discussões assim realizadas não eram repassadas, perdendo-se em si mesmas.

A programação das atividades do ECEM esteve estruturada em conferências, cursos, Oficinas e Colóquios com o Movimento Popular pela Saúde. Todas estas atividades tiveram por objetivo central aprofundar o tema do ECEM, sob aspectos diferentes e com linguagens diferentes. Nas Conferências foram apresentados temas que serviriam como subsídio teórico para o trabalho a ser realizado nos Cursos e Oficinas, os quais tinham por objetivo elaborar algo concreto a respeito das discussões realizadas, para ser apresentado à população de Belo Horizonte, na atividade "ECEM vai às ruas".

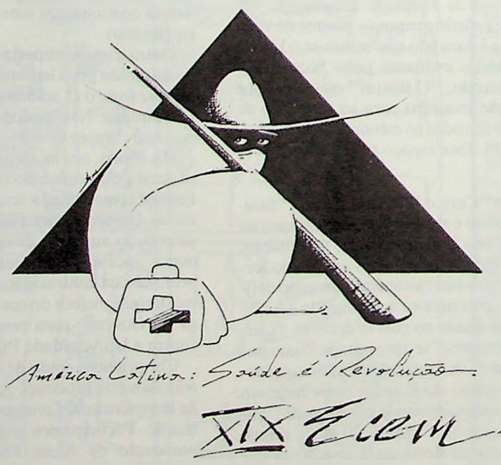
As oficinas tinham por objetivo que a situação de Saúde do povo latino-americano e as necessidades de transformação desta realidade fossem discutidos, e tal discussão expressada através de outras linguagens, outras formas de manifestação. Para tanto, foram realizadas oficinas de Teatro, Canto e Coral, Vídeo, Fotografia, Sexualidade, Literatura, Imprensa, Informática, Planejamento de CAs e Frentes de Trabalho. Estas Oficinas elaboraram um trabalho final que seria apresentado em praça pública de Belo Horizonte. Devido a uma má organização, que infelizmente foi o ponto mais negativo deste ECEM, não foi conseguida licença para realizar o "ECEM vai às Ruas", impossibilitando o grande avanço que se pretendia dar, no momento em que o ECEM saisse de suas portas. Perdeu-se a oportunidade de levar as insatisfações e as perspectivas de mudança do Movimento Estudantil de Medicina no meio público, impedindo que nossas discussões ficassem limitadas à vanguarda estudantil.

Já os cursos pretendiam apresentar e aprofundar, em pequenos grupos, a realidade das condições de Saúde do povo Latino-Americano, seus determinantes comuns e suas relações com o Ensino — assistência, visando a uma compreensão mais ampla da relação entre Saúde da população e as perspectivas de transformação da Formação Médica e Atenção à Saúde. Os cursos realizados foram: Epidemiologia Social e Saúde do Trabalhador, Saúde da Mulher, Saúde da Criança, Saúde do Adulto, Medicina Popular e Fitoterapia e Saúde Mental. Ao final, com pouco sucesso, foram realizadas plenárias finais, a fim de que fossem sintetizadas as discussões realizadas em cada curso.

Os colóquios com o Movimento Popular pela Saúde objetivaram visualizar a organização da população no Campo da Saúde, suas percepções da sua realidade social e suas perspectivas e experiências na transformação desta realidade. Tiveram intensa participação no nosso ECEM, inclusive nos Cursos, Conferências e Oficinas, os líderes do Movimento Popular da Saúde da periferia urbana, de pequenas cidades do interior, da área rural e de Sindicatos de Trabalhadores industriais.

Para o Dia livre foi programada uma visita a Ouro Preto, a "Menina dos Olhos" de Minas Gerais. Além de destinar este espaço para a visita à "Cidade Patrimônio Mundial" e seu acervo Histórico-cultural, seria realizada uma manifestação pública dos participantes do ECEM: pela Transformação do Ensino Médico, pela Estatização do Sistema de Saúde e contra o Imperialismo Norte-americano, sendo depois realizado um "Showmício", com a participação de artistas regionais.

Se o ECEM primou por "pequenas falhas" em sua organização, o dia livre foi a "obra-prima". Nada deu certo! Em primeiro lugar, os ônibus alugados, que pretendiam sair às 10:30, sairam depois das 14 hs. Depois, tinhamos a notícia de que a Praça Tiradentes não havia sido licenciada e não poderíamos realizar a manifestação pública, a não ser para nós mesmos, no Campus da UFOP, alguns quilômetros distante da cidade.



Arte: Isaac Rocha Furtado — UFC - CE



"Participação de nossa delegação junto a uma integrante do Movimento popular de Imperatriz — MA

E, para reunir os ávidos turistas espalhados por Ouro Preto, fez-se necessário procurá-los por lojas, Museus, etc., até que fossem reunidos não mais do que duzentos "índios" para participar de uma "manifestação pública" e um showmício (por sinal de baixa qualidade) na gélida noite de terça-feira. Indiada total!

Dentre as resoluções mais importantes tiradas pelo Movimento Estudantil de Medicina no ECEM, tanto nos Conselhos Nacionais de Entidades Estudantis de Medicina (CONEEM) como em plenária final estão: a "nova" gestão da Direção Executiva Nacional, que permanecerá, já pelo terceiro ano, no CASL, tendo a seguinte formação: Eliete (Presidente), Suzane (Secret. Geral), Márcia (Tesoureira), representando um tremendo avanço do movimento feminista, haja vista que três mulheres exercerão o papel assumido até então por três homens (Armando, Zimmer e Claidir). Além desta Executiva, por três homens (Armando, Zimmer e Claidir). Além desta Executiva, reforçou-se a necessidade das Assessorias: Imprensa (Marsal e Luis Felipe), Frentes de Trabalho (Joba), Ensino (Lúcia, Pacy, Anabel e Rosaura) e Med. Alternativa (Luis Felipe). Resolveu-se, na plenária final, após grande discussão, que deveria ser realizado um próximo ECEM, em 1989, no Rio de Janeiro ou Florianópolis, à medida que havia sido discutida a necessidade de não se realizar um ECEM anualmente, tendo em vista uma avaliação crítica do que tem sido alcançado pelo ECEM.

Penso que o acontecido na Assembléia Final deve ser aqui melhor esclarecido. Dentro de uma avaliação da realização anual do ECEM, vê-se que é feito um enorme investimento financeiro e humano para trazer mais de dois mil estudantes de cerca de 60 escolas de Medicina, sendo que a grande maioria dos mesmos não participam das atividades do Encontro, limitando suas atividades ao Turismo e às festas. Inclusive, atividades da mais pura baixaria realizadas por integrantes de algumas delegações, como Uberlândia, Botucatu e Baiana, os quais tiveram atitudes de agressões físicas e depredação da "desrepressão sexual", levando à realização de CONEEMs para discutir a possível expulsão de tais "pessoas" do ECEM. Dentro de tal trágica situação de conscientização dos participantes do ECEM, decidiu-se, após muita discussão, e por votação de todos os presentes, que seria realizado um ECEM a cada dois anos, e entre os Encontros, seria organizado um Congresso de Estudantes de Medicina (um representante por cada 50 alunos), a fim de ao rofundar as discussões do Movimento Estudantil, com o objetivo de formar quadros políticos que tenham um nível de conscientização e participação maior do que tem sido visto nos ECEMs, e que repassariam as discussões realizados para suas escolas, o que também não tem acontecido no ECEM. E, juntamente ao Congresso, seriam reforçados os Encontros Regionais (EREM), os quais aconteceram apenas na Regional Sul I (Santa Maria-RS) e Regional Sudeste (Teresópolis-RJ), apresentando estes encontros um baixo nível de discussões preparatórias para o ECEM. Na sessão da tarde da Plenária final, pessoas que não haviam participado da plenária pela manhã, numa atitude de desrespeito aos que haviam discutido e votado a questão, decidiram pela rediscussão e nova votação da questão. Enquanto se ia realizando a discussão, que para aquela maioria não parecia interessar, iam sendo chamados aqueles que não se encontravam na reunião, apenas para votar. Resultado final: aqueles que não haviam, efetivamente, participado no ECEM (mas sim do ETEM) decidiram, numa prova de irresponsabilidade, pela realização de um ECEM — 89 no Rio de Janeiro ou Florianópolis, surgindo este último como uma alternativa ao "Ôba-ôba" que se estava planejando para o Rio. Foi Trágico!!!

Fazendo uma avaliação final do que significou o XIX ECEM, penso que a proposta de estruturação metodológica das atividades do Encontro deu um grande salto de qualidade dentro do Movimento Estudantil, sendo este salto bloqueado pelos problemas ocorridos com a organização, que deixou muito a desejar, e com o baixo nível de maturidade de participação apresentado pela maioria dos participantes.

Fica a esperança de que esta idéia não seja desperdiçada, na busca de um ECEM que aprofunde as discussões, que use de linguagens alternativas, que confraternize os estudantes, que apóie a Participação popular e que não tenha fim em si mesmo, inovando e revigorando um Movimento Estudantil crítico e transformador.

Luiz Felipe Berdichvski



Participação do Movimento Popular: uma importante contribuição ao ECEM — BH

PARTICIPAÇÃO POPULAR

Certamente o maior avanço dado pelo ECEM — BH foi a participação de representantes dos Movimentos Populares pela Saúde, levando suas experiências, enquanto Movimento Social Organizado, nos trabalhos comunitários e na participação ativa no gerenciamento de Saúde.

Estes representantes do Movimento Popular de todo o Brasil participaram efetivamente de nosso Encontro, demonstrando, antes de tudo, um nível de conscientização de sua condição de classe e de "desalienação" da ideologia dominante distante da atual condição da maioria da população brasileira, que, por falta de organização e participação Comunitária, aliena-se de sua condição social.

A idéia da Participação Popular surgiu da necessidade de, no momento que nosso Movimento Estudantil atinge um maior nível de conscientização, fazer com que os estudantes tivessem a visão das perspectivas de uma população organizada na mudança de suas condições (condições estas que nos fazem considerar, ideologicamente, imutáveis) e levar aos movimentos populares as perspectivas do Movimento Estudantil na Transformação desta situação social, em uma relação de reciprocidade e interação que fujam das velhas atuais idéias do Movimento Estudantil, de que somos "nós" que devemos receber a sua visita e "ensinar" ao Movimento Popular alguma coisa, idéia que, na prática, mostra-se equivocada, pois é exatamente o contrário que acontece: os estudantes aprendem com o povo.

Estiveram presentes no ECEM representantes das Comissões de Saúde urbana, rural, Movimento Sem-terra, Sindicatos e Profissionais que trabalham junto à comunidade, que, organizada, passa a conscientizar-se e a trabalhar pela melhoria de suas condições social e de saúde.

O trabalho apresentado pela comissão de Saúde da Zona Leste de São Paulo levantava, como a comissão de Saúde do Nordeste Mineiro, a discussão sobre a participação popular no controle do Sistema de Saúde e suas bandeiras levantadas nas Comissões Intermunicipais de Saúde (CIMS) na execução do SUDS. Abordava também o contexto histórico das lutas populares e suas perspectivas revolucionárias.

Os representantes dos Movimentos Populares de Belém e Imperatriz (Maranhão) abordavam, principalmente, as alternativas buscada pela população, na produção de remédios caseiros e na alimentação natural, à ineficiente atenção de Saúde recebida, além da participação no processo de Reforma Sanitária.

Abordando a questão do papel do profissional no Movimento popular, suas formas de relação com a comunidade e sua interferência na organização da Comunidade, o Colóquio do Pedagogo e da Médica que trabalham com o Movimento Popular de São Félix do Araguaia, alcançou grande receptividade dos poucos estudantes que participaram dos colóquios.

O colóquio dos representantes dos Sindicatos dos Químicos e dos Sindicato dos Plásticos tratou da situação da Saúde do trabalhador industrial. Em cima do conhecimento do grande número de acidentes do trabalho tanto de pequena gravidade até os letais que acometem os trabalhadores anualmente, discutiu-se o atual papel de aliados dos empresários que a Medicina do Trabalho vem assumindo. Uma médica que trabalha junto ao Sindicato dos Químicos de SP deu uma perspectiva da Medicina do Trabalho que vise à melhoria das condições de saúde dos trabalhadores e não à proteção do patrão, que muitas vezes não oferece condições de segurança ao trabalhador, pois estas podem lhe custar caro ou diminuir a produção diária do trabalhador.

E, finalmente, o Movimento dos Trabalhadores rurais Fazenda Aruega (MG) apresentou o trabalho realizado juntamente aos trabalhadores rurais de Minas, abordando a mobilização, a ocupação de terras, os avanços e decepções.

Conclui-se que, após as perspectivas apresentadas pelo Movimento Popular e seus agentes de saúde na transformação social, da discussão da situação de saúde do povo latino-americano, e das mudanças nas condições de saúde dos países que passaram por um processo revolucionário, ficou claro para os poucos que participaram ativamente do ECEM que o processo revolucionário é a única saída para o estabelecimento de PAZ na América Latina.

Luis Felipe A. Berdichevski

Esta é a canção elaborada pelo Movimento Popular de Saúde de Imperatriz, caracterizando — sua condição de Saúde:

— Lá no meu bairro é tanto lixo e buraco, quando chove é tanta água que inunda os barracos./ Saúde pública não vai lá não, não aparece, Prefeitura não dá bola e o povo adoece/ Isso é demais, é demais Saúde não tem mais/

— É verminose/é poluição/ as crianças estão morrendo de tanta desnutrição/ não tem escola, não tem casa e não tem pão/ não se pode ter Saúde morando dentro da lama/ Isso é demais/ é demais/ Saúde não tem mais.

— A solução, é mais remédio/ é mais feijão/ acabar com as favelas/ acabar com a inflação. É dar terra e dar emprego ao nosso povo/ só assim é que se pode ter Saúde para todos.

XIX ECEM

O Sul Brilha nas Gerais



Com uma numerosa delegação a MED-UFRGS fez-se representar maravilhosamente em Belo Horizonte no IX ECEM.

Atuante em todas as áreas disponíveis durante o encontro, sejam esportivas, científicas, políticas e/ou turísticas, a ganchada saiu-se muito bem.

Partindo com equipes alternativas, muito desfalcadas apartir do OREM de Santa Maria onde sagrou-se grande vencedora, a MED-UFRGS sempre com aquele espirito de luta, raça e coletividade não deixou por menos e deixou sua marca em MINAS GERAIS. Já no primeiro dia de disputa nossos atletas, com numerosa participação abrilhantaram a Rústica de abertura da I Olimpíada Nacional dos Estudantes de Medicina (ONEM), que entre as tantas representações que lá estavam (Goiás, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas e outros) conseguiu expressivas colocações com Marcos (2º semestre) com um 3º lugar. Kramer (3º) o 6º lugar e Eduardo Pitrez (2º) o oitavo.

Nos esportes coletivos a MED-UFRGS trouxe grandes resultados, com destaque especial para as meninas que trouxeram o ouro no futebol de salão feminino (1º) após vibrante vitória frente à UFMG, com Lúcia (3º), a goleira que fechou o gol, Helenice (4º), zagueira altamente cotada para o lugar de Aluísio na seleção nacional e Luciana Parizzoto (4º), a carabina, que mostrou porque tem tiro forte, estufando a rede dos adversários, contando ainda com a importante participação das outras meninas da delegação.

Apesar de classificados para a semi-final o basquete masculino do capitão Fernando, o anjinho, não acertava a mão mas trouxe-nos um honroso 4º lugar numa modalidade de alta competividade entre nós e as equipes mineiras, goiana e carioca.

O basquete feminino merecia, em última hipótese, o segundo lugar, mas como deu W.O para as mineiras não entrando em quadra, não nos deu uma medalha, o que é compreensível pelo estado de esgotamento físico e psicológico das meninas, aliada a uma tabela de jogos digna de intervenção do CND.

O Handebol masculino honrou-nos com um 3º lugar e, mais uma vez, mostrou a necessidade de incentivo a este esporte aqui. O destaque ficou por conta do goleiro José Paulo que não parava de dizer: — gostei de jogar este troço...

O futebol de salão masculino do capitão Luciano Kramer, com muita raça nos deu um 4º lugar nacional que demonstra mais uma vez o respeito pelo futebol gaúcho em competições nacionais.

Os vôleis masculino e feminino infelizmente não vingaram mas estiveram em quadra com o espírito de luta e confraternização, o que infelizmente não foi o suficiente para nos brindar com melhor colocação. "VAMOS TREINAR PESSOAL".

E assim, além dos títulos conseguidos, a MED-UFRGS partilhou juntamente com a UNI-RIO e UFGO numa cervejada as indicações de melhores torcidas.

Seja em Santa Maria ou Belo Horizonte a MED-UFRGS, honra o nome que carrega e assim esperamos uma maior participação dos estudantes e um maior incentivo por parte dos nossos diretores para fazer-nos cada vez melhor.

Vale aqui o agradecimento a todos que participaram de alguma forma nos eventos esportivos, buscando aos mesmos o apoio para que numa próxima oportunidade se possa fazer mais bonito ainda.

Roberto Kramer da Silva

Historinhas do ECEM

1. O Ônibus Exclusivo

... E Logo as facções formaram-se no Ônibus da UFRGS que foi ao ECEM. De um lado, as Feministas Pacy ("Viva El Chile Libre!"), Rosaura, a "pelega" (é bem rechonchudinha), Lucia Pelanda e seu infiltrado Paulo M. Zimmer ("Tristão e Isolda") nos primeiros bancos. Logo em seguida, a ala dos apaixonados trazendo Claidir e Rossana (Romeu e Julieta"), Simone (a "desligada" ou "...eu não seiii..."), Fernando (o popular "Margarido"), Fábio (o "saudoso apaixonado"). Eliete, a "Fodona" dormiu durante toda a viagem, pra variar. Nara já adiantava algumas aulas de DO — IN e Roberto Kramer queria eleição direta para consagrar-se o "despertador oficial" da delegação. No fundo do ônibus, o punh..., digo, o "prazeirodromo", representado por Ruben ("o dialético") e Alexandre, onde as conversas sobre a suspensão a vácuo do ônibus até as "dez mulheres mais bonitas do Universo", com direito a banco de reservas e tudo.

2. No outro Ônibus...

No ônibus em conjunto com a FFFCMPA (não nos chamem de católicos..."), Fátima e Luis Fernando (Mimoso e Mimosa), Anabel ("Turn on Turn Off ou vamos ver quem dorme mais do que eu?"), Lorena (o "sorriso Colgate"), Marsal e Rogério ("Dreher na Veia") e Jones ("Júlio Flores"), entrosavam-se com os católicos. Gérson lia tranquilamente seu Lehninger, enquanto Alaor ("Soneca") puxava um ronco.

3. No Alojamento...

No Mineirão, Luis Fernando Rivero, o "atópico", já queixava-se do pó nos beliches, apoiado por Maira, a popular "Malboro", que ameaçava sufocar a todos com seus aliados nicotina e CO. Andre, o "hibernante", acompanhava Zé Paulo ("Serra do Roncador") em bolar o "prata da Casa", que foi apresentado por "El Gran" e "Che que Vara". Helenice, a "Taneredete", derrubava Marja ("caiu da cama") do beliche de cima. Ronaldo e Adriana, ou "Batman e Robin" saiam para mais missões quase impossíveis como furar a fila do RU. Pelas tardes, Lucia Bozko arrumava-se em frente ao "espelho espelho meu, diga se há no ECEM garota..." escudada pela fiel amiga Marta, que lhe abandonou a certa altura do campeonato pela sua extraordinária, grande, incomensurável Bolha no pé (tinha gente querendo fazer operação de emergência, e pela falta de material fechar o corte com chiclete...). Jae, a "consumista", mostrava suas novas aquisições ("tava baratinho...") e João, o "Mc Giver", concordava: "Soooó...). Lisiane, a "patroa/matrona Italiana" escolhia as fotos de Fortaleza que queria, enquanto reclamava da massa muito gordurosa no RU. Luis Felipe, o "Alternativo" distribuia queijos e passas, acompanhado de sua inseparável pilha de Bisturis. Enquanto isso, Marsal reclamava que não lhe deixavam dormir: "Psiuuuu...". Luis Paulo, o "Tribom", elogiava a comida do RU(!) acompanhando Marli, com seu "colarzinho de pedras pretas que combinam com meu sapato vermelho", saindo os dois em defesa da qualidade dos palitos que acompanhavam cada refeição.

4. Nos Esportes...

Roberto Kramer da Silva (KRAMER), que não conseguira eleger-se pelo voto direto, toma o poder pela força e começa a chamar os seus "atletas" logo cedinho. Parizzoto, a "Carabina", mostrou toda a garra e a potência do chute da mulher gaúcha no futebol de salão feminino, formando com Helenice Breyer a melhor dupla de pequena área do torneio. Pitrez, o "cachorro", mostrou ser polivalente e só não participou das competições femininas por questões de "raízes culturais profundas", como definiu. Marcos, o "Sargento Tainha" faturava medalhas com a mesma facilidade com que conquistava admiradoras. França, o "Sobrinhos do Capitão" destacou-se no Handebol, enquanto Luciano, o "Homem-gol" no futebol de salão. (Suas declarações foram: "futebol é assim mesmo, se empata, se empata e se perde, vamos levantar a cabeça..."). Luis Felipe, o "Naturão" dizia ter optado pelos Esportes, mas decepcionou no Basquete, reclamando do juiz por ter lhe tirado do jogo com oito minutos de peleja e cinco arremessos no aro, pelos cinco faltas cometidas. Na torcida, destacaram-se Ana Lenise, "a Garota ETEM 88", que teimava em nadar na piscina da UFMG, acompanhada por João Batista, o "Joba" e Márcia "Zuzu bem" (ou "rabinho de ouro" — o do cabelo!). O susto ficou por conta de Sandra, que amedrontava os amigos com a sua cobra gibóia comprada na Feira Hippie.

Enfim, a delegação conseguiu um espírito de companheirismo bom e voltou de lá com muitos talentos revelados.

P.S.: Estas foram as "Histórinhas..." publicáveis do ECEM. Desculpem se esquecemos alguém, ou se alguém sente-se ofendido aqui, a intenção não é esta. Aguardamos sua colaboração.

Marsal Lerner
Luis Felipe Berdichevski
SECRETARIA DE IMPRENSA

Biblioteca
FAMED/HCPA

Envolver-se com o Currículo não Aumenta o Currículum

Biblioteca
FAMED/HCPA

Quando se iniciou o processo de discussão do novo Currículo um dos objetivos era fundamentalmente fazer um processo de sensibilização para os problemas do nosso atual currículo e após (o que era sem dúvida o primordial), procurar o comprometimento com a elaboração e implantação de um novo Currículo.

Hoje, após mais ou menos um ano de desenrolar do processo, há uma proposta, por parte de um grupo de professores. Mas ao que parece este processo de elaboração que se diz envolver o maior número de professores possíveis, não houve uma discussão séria sobre o perfil de nossa Faculdade.

Propostas de currículo já existem, tanto dos alunos como dos professores, e a Pergunta é: em que momento se parou para discutir realmente com todos os interessados se esta ou aquela proposta é viável ou utópica, e que perfil tem hoje nossa Faculdade para implementar este ou aquele modelo? Isto se faz urgente pois qualquer modelo curricular está fadado ao fracasso se não houver, desta Faculdade como um todo, um compromisso sério com a implementação de cada ponto de um novo plano.

E onde entra o docente?

Outro ponto a considerar é que se analisarmos o nosso atual currículo e como ele está funcionando vemos que há um retrocesso, estamos mais atrasados do que há alguns anos quando do surgimento deste, pois este trazia, naquele momento, alguns avanços. Entre eles rumar para a Formação Médica Geral, visando atender as reais necessidades da população (inerível, mas isto consta nos objetivos do nosso atual currículo).

Mas quantos realmente se comprometeram com isto? Quantos professores da FAMED-UFRGS, sustentada pelo poder público, realmente se preocupam com o que acontece com a Saúde da população, e se empenham na formação de um profissional que vise resolver estes problemas, ou seja, com a formação de um médico integral.

O que vemos quando nossos professores (existem exceções) sentam para discutir mudanças no currículo é que a preocupação principal é qual o espaço que vai ter a sua disciplina carga horária, o turno que vai funcionar, sem cogitar sequer se este currículo como um todo vai viabilizar a formação profissional que sirva realmente as necessidades de Saúde da população, se ele vai produzir um médico com terminalidade ao final dos seis anos.

O fracasso atual...

O descaso do nosso Corpo docente com a implantação e funcionamento do nosso atual currículo como um todo, é claro associado à falta de recursos, com a desestruturação da Universidade (o que não diminui a responsabilidade daqueles), foi um dos causadores do atual estado de falência das inovações que ele trouxe. É claro que há de se considerar aqui que da forma como estas inovações que ele trouxe foram pensadas e o que continham em sua fundamentação já as tornavam falidas em si mesmas, exemplo: Acompanhamento de Família, as cadeiras da área Preventiva, o estágio de Medicina Comunitária, que isoladas dentro de um contexto e dentro do que propunham acabaram falindo uma a uma. E quantos na verdade se sentiram responsáveis por isso. O Ciclo básico, sempre o eterno isolado, pouco se comprometeu (existem exceções), fica no seu reduto, ministra suas disciplinas, despeja seus conteúdos e aí termina sua responsabilidade. No curso clínico acontece a mesma coisa, cada disciplina, cada aula, é um Universo isolado. Não poucas vezes temos, assistido aulas com professores que sequer conhecem o nosso currículo, que não sabem nem o semestre para o qual está dando determinada aula.

**O discurso parece,
mas as vezes não é...**

No atual processo de discussão sobre o currículo, não tem sido diferente, a abordagem dos problemas que enfrentamos hoje não sai do plano superficial.

O nosso currículo deve formar um médico com terminalidade, e não pseudo-especialistas, deve servir a formar um médico apto a resolver os principais problemas de Saúde da população, que tenha seu ensino centrado no primário e secundário, que seja um Ensino em Serviço, integrado no Sistema de Saúde. Estes são pontos que sempre defendemos e pelos quais lutamos.

Chegar ao que realmente se quer ao colocar estes pontos é o mais importante. Afinal, que tipo de Atenção primária vamos centrar nosso Ensino, aquela assistencialista pura e "pé-de-chinelo", para os pobres, que tem pregado a Organização Mundial de Saúde, ou vamos atuar buscando um trabalho realmente integrado com uma Comunidade, fazendo com que esta realmente se apropie do conhecimento do processo Saúde-Doença, e passe a se organizar também para mudar sua própria realidade. Que tipo de integração será com o Sistema de Saúde, esta que temos tido até hoje, parasita, de apenas usarmos os estabelecimentos de Saúde, ou vamos assumir o nosso papel de responsabilidade para coma Saúde da população, e entrar decisivamente na luta pela transformacão do Sistema de Saúde, ao invés de nos escondermos atrás da ridícula desculpa da Neutralidade, e nos esquivarmos de atuar efetivamente em decisões tão importantes, como o processo de Reforma Sanitária, como a construção de um Sistema Único de Saúde.

Sem estabelecermos estas diferenças e firmarmos um compromisso, nos limitaremos a fazer algumas alterações superficiais, meros encaixes, sem alterar o produto final: o médico a ser formado.

**E o corpo discente...
Este será outro capítulo...**

Não queremos aqui que as exceções das críticas colocadas no texto sinta-se ofendidas, ao contrário, queremos que se sintam integrantes da luta pela transformação do nosso Ensino.

Eliete Rosane Martins Pereira
9º sem

SISTEMAS

Tem uma personagem de Voltaire que um dia descobre, encantado, que falou em prosa toda a sua vida, sem saber. Também tem a história do menino que chegou em casa da escola excitadíssimo.

— Mãe, sabe o que eu sou?

— O que, meu filho?

— Um pronome pessoal!

Na verdade nós estamos metidos em muito mais coisas do que nos damos conta. Pertencemos, simultaneamente, a vários sistemas que mal compreendemos, começando pelo nosso próprio corpo e terminando pelo sistema solar, que por sua vez faz parte de outro sistema ainda maior e mais incompreensível. Coisas espantosas acontecem conosco a cada segundo pelo simples fato de existirmos. Agora mesmo quando escrevo — ou enquanto você lê —, fatos fantásticos e dramáticos se desenrolam dentro de nós. Células se reproduzem aos milhões. Bandos de bactérias percorrem nossas vias interiores, procurando encrenca. Nossos sucos se encontram e misturam-se em alquimias inacreditáveis. E a todas essas giramos em torno do sol, que por sua vez desloca-se pelo espaço em alta velocidade, cuspindo fogo. Qualquer pessoa sensata, ao ouvir pela primeira vez o relato de como o Universo formou-se e como está evoluindo, só pode ter uma reação, apavorada: "Isso não vai acabar bem". E no entanto nós estamos metidos nisso. Não podemos pedir dispensa do Universo e suas explosões por razões de consciência. Olha, sou contra a violência. E ninguém pode fazer como aquela moça muito sem graça que lia nos livros de física sobre as leis da termodinâmica e da gravidade e suspirava porque, morando na província, nenhuma daquelas coisas excitantes aconteciam com ela. Estamos todos na mesma louca aventura. Você, eu e o vizinho. E, ainda por cima, falamos em prosa.

Não é preciso entender de física para termos peso e volume e deslocarmos, numa banheira, uma massa de água equivalente à nossa. Da mesma maneira, não tem sentido dizer "não entendo nada de economia", como se isso nos livrasse de suas leis. Como aquele suiço que passava ereto pelo campo de batalha, recusando-se a proteger-se das balas porque seu país era neutro. Você está dentro da economia de seu país, queira ou não. É um ser econômico até dormindo. A diferença entre o Universo e a economia, claro, é que as leis do Universo são imutáveis e, embora ninguém pretenda revogar de novo as leis da oferta e da procura, a economia de um país é em grande parte uma questão de escolha, e ela tem alternativas. Você não pode viver socialisticamente num país capitalista, mas deve ter sempre em mente que existe a alternativa. Ao contrário do que alegam os economistas liberais, Deus não disse "faça-se a luz, façam-se as estrelas e faça-se a pura economia de mercado."

O que dificulta a conscientização do que somos, a cada momento, personagens da economia nacional é a falta de evidências físicas deste fato. Se as grandes batalhas que se travam no nosso interior ressoassem como grandes batalhas, e nossos sucos gástricos pudessem retumbar, e pudéssemos ouvir os glóbulos brancos gritando "vamos lá rapazes"! cada vez que se arrigimentassem para combater uma bactéria invasora, teríamos noção mais clara do grande drama do nosso cotidiano interno. Da mesma maneira, se cada vez que a moeda fosse desvalorizada o nosso dinheiro diminuísse de tamanho, teríamos a noção exata do que está nos acontecendo. Um dia abriríamos a carteira e teríamos que catar notas do tamanho de confetes lá no fundo. Mas acontece o contrário. Quanto menos vale o dinheiro, mais vistoso ele fica.

Luis Fernando Verissimo

SECRETARIAS

A V Olimpiada Interna da Medicina deverá continuar no semestre 88/2. Após a realização das modalidades de Futebol de Salão Masculino, Volibol Masc. e Fem., Basquete Masc. e Tênis, a disputa pelo 1º lugar na classificação geral continua indefinida. Quatro ATMs largam na frente, mas todas ainda têm chance de chegar lá (VIDE QUADRO).

A 93/2 arrasou no Basquete, vencendo com grande facilidade. A 93/1 fez o mesmo no Volibol Fem. Já a 90/2 confirmou seu favoritismo no Volibol Masc. O tênis evidenciou a superioridade da dupla Geraldo (organizador) e Luciano, da 90/1.

Logo no inicio do semestre teremos as finais do Futebol, com as ATMs 93/1, 92/1, 91/1 e 90/1. A 93/1 foi a classificada pela repescagem (mera coincidência). A 90/1 é forte candidata ao título geral e campeã do Futebol de Salão; a 91/1, campeã do ano passado, acredita ser favorita e até imbatível; e a 92/1, vice no ano passado caracteriza-se como equipe coesa e sempre participante. Lamentamos, pois, a desclassificação das demais ATMs, desejando-lhes melhor sorte (e futebol) no próximo ano.

Teremos ainda o Xadrez, Sinuca e Ping-Pong (duplas masc. e fem.) e Botão (masc. e fem.). Fique de olho pois as inscrições abrirão em seguida!

Roberto Kramer da Silva

QUADRO - ESPORTES

ATM / MODALIDADE	89/1	89/2	90/1	90/2	91/1	91/2	92/1	92/2	93/1	93/2
Futsal Masc.	6	0	10	—	—	—	0	0	4	8
Volibol Masc.	—	—	0	10	0	0	—	8	6	4
Volibol Fem.	—	—	4	6	—	—	—	8	10	0
Basquete Masc.	—	—	8	—	—	4	—	6	0	10
Futebol	0	0	4 a 10	—	4 a 10	0	4 a 10	0	4 a 10	0
Tênis	—	—	10	—	—	—	0	8	—	0
Sinuca Masc.	0 a 10	0 a 10	0 a 10	0 a 10	0 a 10	0 a 10	0 a 10	0 a 10	0 a 10	0 a 10
Sinuca Fem.	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Xadrez	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Ping-Pong Masc.	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Ping-Pong Fem.	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Botão Masc.	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Botão Fem.	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Total Geral	6 a 76	0 a 70	36 a 112	16 a 86	4 a 80	4 a 74	4 a 80	30 a 100	24 a 100	22 a 92
Colocação Parcial	6º	10º	1º	5º	7º	9º	7º	2º	3º	4º

A passividade e a formação científica

Certos aspectos do comportamento da juventude, mais especificamente dos estudantes de Medicina, são aceitos como senso comum.

Os estudantes teriam perdido sua capacidade de contestar, criticar e ter uma atitude transformadora frente à realidade, isso devido a alguns fatores, tais como uma educação castradora da criatividade, com uma pesada carga ideológica de aceitação de "Status Quo" e até, principalmente, por uma identidade de classe que se justifica por princípios liberais burgueses de mantenimento da situação vigente, mesmo porque esta é a que melhor se ve à situação econômico-social da maior parte dos estudantes.

Eu não pretendo me deter nesses fatores, mas sim criticar dando vazão ao meu entristecimento e também a minha indignação quanto ao descaso que os estudantes (e aí pretendo ser específico pois falo dos integrantes da ATM 91/1), têm com a própria formação, demonstrando um espírito pouco preocupado com suas posturas quando profissionais.

A questão central que forneceu energia para este artigo foi a recusa da ATM 91/1 em responder a um questionário elaborado pela Secretaria de Ensino do CASL, com orientação da Coordenadora de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, com vistas a analisar a situação da avaliação na Faculdade de Medicina da UFRGS quanto ao seu compromisso com o Marco Teórico do currículo Médico que propõe a formação do Médico Geral. Conjuntamente procura captar a visão dos estudantes de um modo gerador de ansiedade que é o momento da avaliação.

A postura da ATM 91/1 representa não só uma atitude pouco científica, como demonstra descaso quanto à possibilidade de se tornar agente ativo de sua formação, além de desprezar um trabalho de mais de um ano dedicado à confecção do Marco Teórico e elaboração do instrumento dessa pesquisa, frustando um projeto que nada tinha de pessoal, mas pelo contrário representava a criação de conhecimento que poderia ajudar a melhorar as condições de ensino-aprendizagem em nossa Escola, beneficiando não só os estudantes de hoje como também os que virão.

Resta lamentar

Henrique Caetano Nardi
Coordenador da Sec. de Ensino
do CASL

Científica

A sec. Científica realizou, de 06 a 16 de junho, com a participação de aproximadamente 150 pessoas, o curso de Emergências Cardio-Vasculares. A avaliação final demonstrou um curso de muito bom nível técnico e didático. Isto nos incentiva, enquanto Secretaria Científica, a promover no segundo semestre/88 os demais cursos constituintes do denominado "CURSO DE EMERGÊNCIAS", que procura cobrir, ao menos em parte, esta grande deficiência de nosso currículo. Estamos, pois, viabilizando um curso de Emergências Neurológicas e um de Emergências em Traumatologia. Um curso em Eletrocardiografia tb. está sendo encaminhado. Fique de Olho!

É interessante lembrar q. o próximo número da REVISTA CIENTIFICA CASL deve sair nos primeiro dias do próximo semestre, enquanto ainda estamos recebendo artigos para o número subsequente, que deve ir em dois meses para a Gráfica.

Responsável: Claidir (10 sem)

Cultura

Venam a ela!!! Estamos (re)abertos

Infelizmente, o Estudante de Medicina é quase que forçado a se afastar das atividades que fazia anteriormente ao ingresso na Faculdade. Entre elas, estão o Teatro, a Música, o Cinema, a Leitura Leiga.

É na tentativa de resgatar nossa vida cultural que a Secretaria de Cultura do Centro Acadêmico começa a funcionar esse semestre a todo o vapor.

Incentivados pelo trabalho realizado no ECEM pela Oficina de Teatro, criou-se um Grupo de TEATRO na Medicina. Prestem atenção nos cartazes que serão espalhados no Biociências, com os horários e locais dos 1os encontros.

Com relação à Secretaria de Cultura, a 1ª reunião será realizada nas quartas-feiras. Estamos abertos às idéias novas e sugestões. Compareçam!!!

Fatima — ATM 93/1
Secretaria de Cultura
CASL

Cultura

Um Negrinho Que só Incomoda

Não, não poderia ser assim
Por que um menino não pode brincar?
Não pode sonhar?
Só sabe reagir?
Agressivamente,
Desconfiado
"Dá 10 (S) ???"
Por que só sabe pedir
Como quem só consegue esmolas, restos,
Como quem não tem direito nem a "ar", se não lhe é dado,
Como quem não merece respeito
Nem digo como gente (embora penso que ele tenta mais viver a dignidade Humana que muitos "maiores" e "superiores" a ele juntos)
Mas como um ser vivo
Procurando algum espaço pra botar pra fora a solidão
A angústia, escondida no aparente vazio interior,
E que dói em nosso pedaço de Humanidade
Que é pequeno demais pra termos consciência verdadeira
Desse sofrer dele constante
"Esquecido" o bastante pra não dar mais esperanças pra Solidariedade
A mesma que chora dentro de nossa, não aceita por nós, mas cruel covardia.

João Batista Borges Sobrinho
ATM 92/2

EXPEDIENTE

Secretaria de Imprensa
Marsal e Luis Felipe (4º sem), Jones (6º sem)

Pablo Neruda — Direitos reservados a Cecília Neruda (no Brasil representada por L&PM),

Agradecimentos à Gisele (Caxias) e ao Isaac (CE)

Mafalda — Direitos do desenhista espanhol Quino

Diagramação de "O BISTURI" —: Marcos Strey — RG: 4266

Gráfica de "O BISTURI": Proletra - Fone 21-5683

Puberdade

Caiu com o peito manchado de sangue
no mangue da grande cidade
a hora dos pássaros tristes
golpeou seu sonho infantil.

Um forte desejo de vida
esvai-se no corpo sem brilho,
na rua um sol derretido
com olhos de louca inocência
tem sede de amor e ternura
tem fome de mão estendida.

Migrou do barraco para o asfalto
franzino menino pingente,
agente do medo criado
no seio da forte opressão,
da lei do silêncio e do medo
no enredo da sobrevivência.

Cresceu como muitos sem nada
vestido de fome e de dores,
canivete no bolso traseiro
banhos no chafariz da praça
cigarro de sonho no canto da boca,
pernas rápidas de longas disparadas.

Uns lhe chamam de pixote
outros maus cultos de ladrão
poucos de amigo,
raros de irmão.

Dia desses cresceu na vida
é manchete no jornal:
Menino armado de fúria
fecha banco com olhos de morte.

Matar ou morrer eis o dilema
menino pingente brasileiro
caiu com o peito em flor,
sem ter a alegria alfabeta
presente num banco de escola.

A luz do menino cansado,
armado de raiva e violência
inundou a página negra
da consciência do poder calado.

ANTÔNIO XIMENES

Saberás que não te amo e que te amo
posto que de dois modos é a vida,
a palavra é uma asa do silêncio,
o fogo tem uma metade de frio.

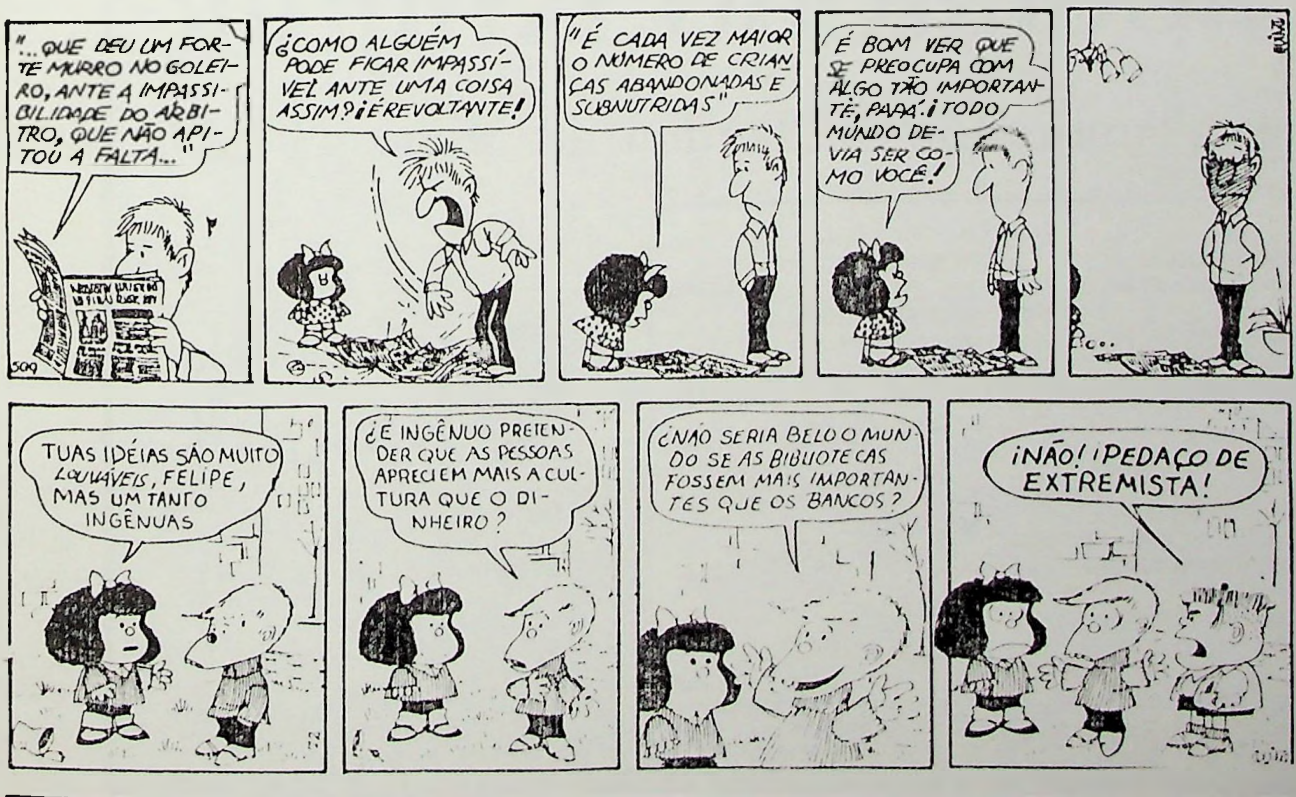
Eu te amo para começar a amar-te,
para recomeçar o infinito
e para não deixar de amar-te nunca:
por isso não te amo todavia.

Te amo e não te amo como se tivesse
em minhas mãos as chaves da fortuna
e um incerto destino desditoso.

Meu amor tem duas vidas para amar-te.
Por isso te amo quando não te amo
e por isso te amo quando te amo.

PABLO NERUDA
(Cem Sonetos de Amor)

Biblioteca FAMED/HCPA





O roteiro não muda nunca: vários jovens estudando o ano inteiro, até que chega o vestibular. Nervosismo. Torcida. Alguns passam, outros não. É sempre assim.

Só que quem determina quem passa e quem não passa não é o destino: é o próprio protagonista. Sendo bem orientado, ele garante seu final feliz.

O Unificado participa desta história há mais de 10 anos. E seu papel é sempre o mesmo: revisar todas as matérias, além de incentivar a cultura, o esporte, o conhecimento geral e a amizade. Por incrível que pareça, estas coisas também ajudam a passar.

Se você já viu este filme, recomende a seus amigos.

Se não viu, não tem problema. Ele nunca sai de cartaz. E o Unificado nunca deixa de cumprir o seu papel.

unificado

O curso que você merece, com os professores que você conhece

Av. Alberto Bins, 467. Fones: 24-6955 e 21-6158.

Laboratório Knijnik

Agora também na Cel. Bordini, 48 Fone: 43-7377

Corpo Técnico

HEMATOLOGIA:
— Dr. Cláudio Braga de Souza - crf 1087
— Dra. Maiara Mendes dos Santos - crf 2781
— Dra. Sandra Pinto Duarte - crf 1232

BIOQUÍMICA:
— Dra. Denise Maciel - crf 3459
— Dra. Elizabeth Ozio de Oliveira - crf 3324
— Dr. Renato Nesralla Mattar - crf 1952

RADIOIMUNOENSAIO:
— Dr. Francisco Lhullier - crf 1335
— Dra. Ligia Crosseti - crf 2946

BACTERIOLOGIA IMUNOLOGIA:
— Dra. Denise Cunha Pereira - crf 3164
— Dra. Maria Helena Blankenheim - crf 1688
— Dra. Rosemery Prokopp Hautrive - crf 3220

MICOLOGIA:
— Dra. Joice Valenti - crf 1666

DIREÇÃO:
— Dr. Alceu Knijnik - cremers 6753

RE 5067

laboratório knijnik
Analises Clinicas

Pça. Dom Feliciano, 78 L. 107 - F.: 21-7388
Uruguai, 299 - 6º andar - F.: 26-2733
24 de Outubro, 658 - F.: 22-2425

TECNOLOGIA E TALENTO A SERVIÇO DA VIDA.